



AÇÃO EDUCATIVA EM UMA USINA SUCROALCOOLEIRA NO ESTADO DE PERNAMBUCO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tereza Natália Bezerra de Lima (1); Maria Eduarda Lima de Carvalho (2); Joelma Laurentino Martins de Souza (3).

¹ Universidade de Pernambuco, terezanatalia12@gmail.com, ² Universidade de Pernambuco, melc.duda@gmail.com ³ Universidade de Pernambuco, joelma_laurentino@hotmail.com

RESUMO: Este estudo aborda a experiência de uma ação educativa com os trabalhadores aplicadores de produtos agrotóxicos em uma usina sucroalcooleira situada na Mata Sul de Pernambuco. As atividades resultaram de uma ação conjunta de fiscalização, formada por uma equipe multiprofissional, liderada por representantes da Agência de Defesa e Fiscalização Agropecuária do Estado de Pernambuco (ADAGRO), a Secretaria Estadual de Saúde (SES) de Pernambuco, paralelamente com o Centro de Referência Estadual em Saúde do Trabalhador de Pernambuco (CEREST-PE), Vigilância em Saúde de Populações Expostas a Contaminantes Químicos (VIGIPEQ)/SES-PE, Agência Pernambucana de Vigilância Sanitária (APEVISA) da III Região de Saúde e Vigilância Sanitária Municipal. O trabalho teve como principal objetivo conscientizar e orientar os trabalhadores/as quanto aos riscos decorrentes da exposição aos agrotóxicos utilizados. As ações foram delineadas em quatro etapas, das quais a terceira é o foco do presente estudo, sendo campo de ações educativas baseadas no uso de metodologias ativas. Dessa forma, a metodologia ativa tem papel facilitador na aprendizagem, promovendo saúde e minimizando a exposição desses produtos aos trabalhadores/as.

Palavras-chave: Pesticidas, Educação em Saúde, Saúde do Trabalhador.

INTRODUÇÃO

Os agrotóxicos são substâncias perigosas, tanto para o meio ambiente como para a saúde de populações, especialmente as famílias camponesas. Os trabalhadores/as expostos a esses produtos são numerosos, sendo as intoxicações agudas a face mais visível do seu impacto na saúde, embora também ocorram doenças crônicas, problemas reprodutivos e danos ambientais (FARIA; FASSA; FACHINI, 2007).

Castro e Confalonieri (2005) afirmam que ocorrem cerca de três milhões de intoxicações agudas por agrotóxicos no mundo. Dessas, cerca de 70% se dão em países chamados Terceiro Mundo. No Brasil, o mercado de agrotóxicos cresceu duas vezes mais quando comparado ao restante do mundo na última década, sendo o primeiro do ranking mundial desde 2008. Apesar do intenso uso, o país possui limitações nos mecanismos legais, fiscalização e controle do consumo desses produtos (RIGOTTO, 2014).

Em relação ao número de intoxicação, Santana (2016) constata 11.641 dos casos de intoxicação provocados pelos agrotóxicos no ano de 2010 e estima que a incidência no ano de 2013 seja aproximadamente 6,23 casos por 100 mil habitantes, no ano de 2013, e no estado de Pernambuco estimou-se 10, 77. (BRASIL, 2016).



Nesse cenário, os trabalhadores/as do campo são personagens centrais, de acordo com Carneiro et al (2015), o contexto produtivo brasileiro representa um perigo para os trabalhadores/as rurais na atualidade devido ao intenso uso de agrotóxicos.

É marcante o baixo nível de escolaridade e aplicação intensiva de agrotóxicos sem ou pouco treinamento para a utilização destes produtos, não utilização de equipamentos de proteção individual e desconhecimento dos riscos no manuseio e aplicação (CASTRO; CONFALONIERI, 2005).

Deve-se ter um olhar além das questões de riscos ao trabalhador/a no seu ambiente de trabalho e permitir a compreensão que o seu uso inadequado pode potencializar problemas de saúde a curto e longo prazo (CARNEIRO, et al, 2015). A Educação em Saúde tem um papel importante para promover a saúde do trabalhador/a, especialmente entre as populações expostas a agrotóxicos.

Torna-se necessário o uso de metodologia que facilite o processo de ensino/aprendizagem, gerando uma mudança de pensamento e práticas. As Metodologias Ativas têm origem em duas abordagens problematizadoras, a Pedagogia da Problematização e Aprendizagem Baseada em Problemas. A primeira, concepção de Paulo Freire, sugere a construção do conhecimento pelo movimento de agir sobre a realidade, refeita pela reflexão. Na segunda, os educandos, em pequenos grupos, utilizam seus conhecimentos prévios na resolução de problemas selecionados para o estudo (MARIN, 2010).

Portanto, as metodologias ativas ocupam um espaço na discussão sobre a necessidade de promover mudanças na prática, como alternativa de aprendizagem em diversos níveis de atenção, de forma diferenciada e adequada as necessidades da população e do Sistema de Saúde (SOUZA, 2017), permitindo uma formação crítica, reflexiva e baseada na realidade.

Dessa forma, esse estudo possui relevância significativa, tendo em vista que a saúde do trabalhador/a nas populações expostas a agrotóxicos deve passar por um olhar além das questões de riscos no seu ambiente de trabalho e também permitir a compreensão dos mesmos a respeito dos problemas de saúde.

Os Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) são serviços do Sistema Único de Saúde que tem o importante papel de realizar apoio matricial para a rede de saúde. As atividades educativas para prevenção e promoção da saúde de trabalhadores/as são realizadas com frequência pelos CEREST (BRASIL, 2012). Em Pernambuco, o CEREST Estadual atua junto aos municípios para promover ações educativas para trabalhadores/as rurais.



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

Assim, esse estudo tem como objetivo socializar a experiência de uma ação educativa com populações expostas a agrotóxicos numa usina sucroalcooleira situada na Mata Sul do Estado de Pernambuco.



METODOLOGIA

Trata-se de um estudo em formato de relato de experiência fruto de uma atividade educativa com os aplicadores de agrotóxicos numa usina sucroalcooleira situada na Mata Sul do Estado de Pernambuco. Essa atividade foi resultado de uma ação conjunta de fiscalização, formada por uma equipe multiprofissional, liderada por representantes da Agência de Defesa e Fiscalização Agropecuária do Estado de Pernambuco (ADAGRO), a Secretaria Estadual de Saúde (SES) de Pernambuco, paralelamente com o Centro de Referência Estadual em Saúde do Trabalhador de Pernambuco (CEREST-PE), Vigilância em Saúde de Populações Expostas a Contaminantes Químicos (VIGIPEQ)/SES-PE, Agência Pernambucana de Vigilância Sanitária (APEVISA) da III Região de Saúde e Vigilância Sanitária Municipal.

A ação educativa ocorreu no período de março a julho de 2017 com o propósito de proteger ao máximo a exposição dos trabalhadores/as aos agrotóxicos, assim como conscientizar sobre os perigos das substâncias utilizadas. Foram observados aspectos sobre o cumprimento da Legislação Federal, Estadual e Municipal relativas ao uso e aplicação de agrotóxicos.

Essas ações foram organizadas em quatro etapas, das quais a terceira etapa é o foco desse estudo. Nessa etapa, foram realizadas ações educativas baseadas em metodologias ativas, com intuito de promover a saúde de trabalhadores/as e aplicadores/as de agrotóxicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro momento se constituiu do planejamento das ações e das estratégias que seriam utilizadas nas fiscalizações da ADAGRO através da observação participante junto às equipes de aplicação de herbicida, verificação das instalações da empresa e posteriormente a análise documental. A segunda etapa foi executada no dia 13 de março de 2017, onde foram averiguados a aplicação de agrotóxicos, avaliadas as condições dos equipamentos de proteção individual (EPI) e dos pulverizadores costais, além de realização de entrevistas com alguns aplicadores. Foram observadas as condições da lavanderia, vestiários e dos depósitos dos agrotóxicos, com registro fotográfico das irregularidades encontradas. A ação foi concluída com uma análise dos documentos, tais como: Atestados de Saúde Ocupacional (ASO); Atas de Frequência e Certificados dos Cursos de Aplicadores; Fichas de controle de Equipamento de Proteção Individual; Notas fiscais referente à compra de

agrotóxicos, receituários agrônômicos; Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT); Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA) e Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO).

A terceira etapa foi dividida em duas partes, nos dias 25 de abril de 2017 e 03 de março de 2017, na qual o plano de aula teve como objetivo sensibilizar os aplicadores sobre os efeitos dos agrotóxicos na sua saúde. Ao total, 65 aplicadores participaram da formação por meio de metodologia ativa. Essas metodologias foram escolhidas devido ao fato de os aplicadores possuírem baixa escolaridade, valorizando o conhecimento prévio, e por ser adequada a grupos heterogêneos, gerando informação rápida e acessível a esse tipo de público (SOUZA, 2017).

Inicialmente ocorreu uma dinâmica com a ideia de inversão de responsabilidades onde os aplicadores passaram a gerenciar uma aplicação em uma área hipotética de manancial e de encosta de morro. Os trabalhadores foram indagados sobre a segurança, rendimento e qualidade na aplicação, tipos de produtos a serem utilizados e obrigatoriedade no uso de EPI. Após a dinâmica, foi apresentando um vídeo relatando os efeitos dos agrotóxicos e os riscos para o desenvolvimento de doenças. Essa etapa foi desenvolvida pela equipe da ADAGRO e pode ser observada nas figuras 1 e 2.

Figura 1- formação para trabalhadores aplicadores de agrotóxicos.



Fonte: a autora.

No segundo momento, também foi realizado outra dinâmica para os trabalhadores/as, através de um jogo dos “sete erros”, na qual utilizou-se imagens captadas da própria prática de trabalho dos aplicadores de agrotóxicos, focando nos erros e acertos verificados no processo de fiscalização. Nesse momento, os trabalhadores refletiram sobre os

erros e acertos durante o processo de trabalho. Em vários relatos, no qual eles mesmos mostravam seus erros e o que poderiam mudar para minimizar o risco durante o manejo e aplicação dos agrotóxicos.

A Metodologia ativa conseguiu aproximar a equipe multiprofissional da realidade dos aplicadores, a partir dos relatos, provocando a reflexão, as conexões entre os conhecimentos e uso das informações adquiridas para o desenvolvimento das competências (SOUZA, 2017). Conforme Morán (2015), “quanto mais aprendemos próximo da vida, melhor”; e nas metodologias ativas o ponto de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração, e de reelaboração de novas práticas.

Um ponto observado durante as ações educativas é que a maioria dos aplicadores não tem consciência do risco que estão expostos em seu ambiente de trabalho. Corroborando com Carneiro (2015) que identifica que a falta de treinamento e o escasso de conhecimento sobre os perigos dos agrotóxicos contribuem para a manipulação incorreta durante a preparação, aplicação e disposição das embalagens vazias.

Apesar de os Equipamentos de Proteção Individual não serem eficientes para proteção efetiva dos trabalhadores/as, também foi observado, alguns motivos para o seu uso inadequado, desde o fato da não disponibilização por parte dos patrões, desconforto e a incerteza quanto à sua eficácia (SCHMIDT; GODINHO, 2006; CASTRO; CONFALONIERI, 2005 apud CARNEIRO, 2015, p127).

Figura 2- formação para trabalhadores aplicadores de agrotóxicos.



Fonte: a autora.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, o uso de agrotóxicos na agricultura envolve algumas questões que vão além do seu uso. Na Saúde Pública, os impactos são diversos aos trabalhadores/as e, mesmo assim, apresentam poucos estudos nessa temática.

A ampliação dos conhecimentos tem como finalidade a mudança no comportamento desses trabalhadores/as, como também para os profissionais de saúde, formando uma possível articulação entre a singularidade das situações cotidianas e das práticas sociais, assegurando uma reflexão crítica com potencial de transformação da realidade, promovendo a saúde dessa parcela da população.

A educação em saúde busca interligar os conceitos de saúde e de educação, para gerar autonomia e empoderamento, a partir de um pensamento crítico e reflexivo sobre o uso de agrotóxicos. Assim, a metodologia ativa tem papel facilitador da aprendizagem, promovendo saúde e minimizando a exposição desses produtos.

Portanto, o uso de metodologias ativas se apresenta como ferramenta para promover uma mudança de pensamento, valorizando o conhecimento prévio, admitindo que cada indivíduo é um ser singular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. Agrotóxicos na ótica do Sistema de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

CARNEIRO, Fernando Ferreira et al (Org.) Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 624p.

Castro, Jane S. Maia; CONFALONIERI, Ulisses. Uso de agrotóxicos no Município de Cachoeiras de Macacu (RJ). Ciências & Saúde Coletiva, 10 (2): 473-482, 2005.

FARIA, Neice Muller Xavier; FASSA, Anacláudia Gastal; FACCHINI, Luiz Augusto. Intoxicação por agrotóxicos no Brasil: os sistemas oficiais de informação e desafios para realização de estudos epidemiológicos. Ciências & Saúde Coletiva, 12 (1): 25-38, 2007.

MARIN, Maria José Sanches. et al. Interface Comunicação Saúde Educação. v 14, n 33, p. 331-344, abril a junho de 2010.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

RIGOTTO, Raquel Maria; VASCONCELOS, Dayse Paixão e; ROCHA, Mayara Melo. Uso de agrotóxicos no Brasil e problemas para a saúde pública. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 30 (7): 1-3, julho de 2014.

SANTANA, Claudiana Mangabeira. et al. Exposição Ocupacional de trabalhadores rurais a agrotóxicos. Caderno de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 24 (3): 301-307 2016.

SOUZA, Rosa Maria Pinheiro (Org.) Redescola e a nova formação em saúde pública. Org. Rosa Maria Pinheiro Souza e Patrícia P. Costa. Rio de Janeiro, RJ: ENSP/ REDESCOLA, 2017.